

Vamos ao México?
Erico Verissimo como escritor/embaixador

Nícollas Cayann

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

ABSTRACT

Grounded in the works of Hulme and Youngs in *The Cambridge Companion to Travel Writing* (2002) the article aims to place Erico Verissimo in the category of ambassador/writer. Using documentary and literature review, from secondary data and a qualitative approach, the propose is to analyse Erico Verissimo's book *Mexico*, (1957), as a Travel Writing exemplary. The objective of the article is, through the literary analysis of the book *Mexico*, to find a balance between the category of traveller "Ambassador" of Hulme and Youngs and the terminology of diplomat/ writer, of Fernanda Peixoto (2010).

Keywords: Erico Verissimo, Mexico, Travel Writing, Comparative Literature, Writer/Ambassador.

Alicerçado na obra *The Cambridge Companion to Travel Writing* (2002), de Hulme e Youngs, o artigo busca, de forma comparativa, posicionar Erico Verissimo dentro da categoria de escritor/embaixador. Utilizando análise documental e de revisão bibliográfica, partindo de dados secundários e uma abordagem qualitativa, a proposta é analisar o livro *México* de Erico Verissimo (1957), como um relato de viagem. O objetivo é, através da análise literária, encontrar um balanceamento entre a categoria de viajante "Ambassador" de Hulme e Youngs e a terminologia de escritor/diplomata, de Fernanda Peixoto (2010).

Palabras claves: Erico Verissimo, México, Literatura de Viagem, Literatura Comparada, Escritor/Embaixador.

Introdução

Alicerçado, majoritariamente, na obra *The Cambridge Companion to Travel Writing*, de Hulme e Youngs (produção teórica e descritiva do gênero Literatura de Viagem) o artigo busca elucidar, de forma comparativa, posicionando Erico Verissimo dentro da categoria de escritor/embaixador (como Embaixador Cultural). Fazendo uso de uma análise documental e de revisão bibliográfica levando em consideração seus aspectos teóricos e históricos, partindo de dados secundários e uma abordagem qualitativa, a proposta do artigo é de analisar o livro *México* de Erico Verissimo, publicado em 1957, como um relato de viagem. O principal objetivo do artigo é, através da análise literária do livro *México*, encontrar um balanceamento entre a categoria de viajante “*Ambassador*” de Hulme e Youngs e a terminologia de escritor/diplomata, de Fernanda Peixoto (no artigo *Letras y diplomacia en el Brasil: una aproximación en tres tiempos*), delineando, assim, o estilo de escritor-viajante de Erico Verissimo. Um objetivo secundário deste trabalho¹ é influenciar os estudos de Literatura de Viagem em torno das latinidades².

O gênero Literatura de Viagem trata de um corpus diversificado de textos (relatos) que são produzidos pelos viajantes. Esses relatos acabam como uma forma de poder na relação centro – periferia, remontando aos ideais mais arcaicos do gênero. Entende-se por Literatura de Viagem a produção narrativa/descritiva de um viajante visando, em forma de texto³ apresentar um lugar/espço. A etnografia surge no gênero como um fenômeno forte do século XIX, mas isso não significa que esta descrição detalhada de vestimentas, hábitos alimentares, hábitos agrícolas, registros culturais no geral, estivesse ausente nos relatos mais antigos, bem pelo contrário. São diversos os formatos textuais (estéticos) do gênero, mas é essa pluralidade que acaba tomando papel de identificadora. O gênero também pode ser identificado pelo fato de as narrativas sempre partirem da perspectiva de um viajante. O formato etnográfico de

¹ Uma rápida análise em *México* de Verissimo faz com que saltem aos olhos do leitor (principalmente se for um leitor do meio acadêmico dos estudos culturais) duas principais temáticas: a primeira e mais óbvia é a questão da latinidade (identidade referente tanto ao Brasil quanto ao México), que fica muito interessante por se tratar de um brasileiro descrevendo outra latinidade; a segunda temática que toma a atenção do leitor é a descrição imagética (Erico tem uma capacidade descritiva de imagens muito eficaz, e isso instiga o desejo de análise). Contudo, o presente artigo não se presta (pelo menos não em foco principal) a analisar nenhum desses temas, e o único motivo para tanto é o fôlego do artigo, que pretende ser sucinto.

² A latinidade, numa descrição mais generalizada, é um termo identitário que corresponde a identidade dos países que fazem parte da antiga América Hispânica mais o Brasil. Como esses países possuem suas singularidades, prefiro utilizar o termo no plural: latinidades.

³ No mundo globalizado as coisas tomam diversas formas diferentes, e o gênero pode ser identificado em mutações intersemióticas.

Literatura de Viagem foi visto como uma evolução do estilo, até porque apontava, de forma mais pontual, os aspectos que já eram comuns à essa forma de escrita, exemplo disso são os registros de Marco Polo, ou até mesmo a produção jesuítica a respeito dos idiomas e culturas indígenas. Esse processo de descrição foi fortemente influenciado pelo naturalismo do século XVIII, por isso a riqueza de descrição de flora e fauna ficava cada vez mais ampla, eram os princípios das descrições científicas (Rubiés, 2002).

William H. Sherman que, assim como Rubiés, tem texto na coletânea *The Cambridge Companion to Travel Writing* (2002), faz uma tipologia descritiva dos tipos de viajantes, que são: Editores, Peregrinos, Errantes, Mercadores, Exploradores, Colonizadores, Prisioneiros, Embaixadores, Piratas e Cientistas. Erico Verissimo, autor analisado neste artigo, foi um embaixador cultural nos Estados Unidos.

Segundo Smith (2013):

Em julho de 1938, a fim de combater sentimentos isolacionistas, o Departamento de Estado (Norte-Americano) criou a *Division of Cultural Relations* (Divisão de Relações Culturais). Embora muito tenha sido escrito sobre as funções dessa Divisão, voltada para formar uma opinião pública em outros países e destinada a colaborar com objetivos políticos dos Estados Unidos, os propósitos *primários* dos novos programas de intercâmbio cultural eram *internos*, voltados para mudar a opinião pública doméstica (Smith, 2013, 148).

Depois de intenso debate ficou decidido que as políticas culturais em torno desta proposta seriam multilaterais. A proposta era de promoção cultural dos Estados Unidos nos outros países assim como dos outros países para os Estados Unidos. As produções do Norte Global a respeito de América Latina sempre foram produções exógenas em que, na maioria das vezes, se destacava o espetacular e o grotesco, uma visão muito estereotipada (Smith, 2013):

As pesquisas de João Feres Jr. revelam que nem a Library of Congress nem a Biblioteca Pública de Nova York têm algum livro, diário ou periódico em inglês que contenha o termo "Latin America" no título antes de 1900. Na Library of Congress somente dois títulos foram publicados entre 1900 e 1910, e somente 23 na década de 1911-1920.

Em 1918 houve um debate interessante sobre a nomeação da primeira revista acadêmica estadunidense dedicada à história dos países ao sul dos Estados Unidos. "Latin America" não foi aprovado porque naquela época significava América Espanhola (Bethell, 2009, 306).

O formato das novas políticas e proposições do novo departamento que fora criado nos Estados Unidos propiciou para que então, em 1940, Erico

Verissimo – autor de seis romances até então – fosse convidado pelo governo norte-americano para se tornar um embaixador cultural nos Estados Unidos.

Visto que existe pouco material teórico de Literatura de Viagem em língua lusófona, o trabalho aqui apresentado tem a pretensão de instigar estudos em torno dessa temática. Em relação a Literatura Comparada é muito comum à execução de trabalhos que comparem textos literários, ou traduções de obras, enquanto o objetivo deste trabalho é comprar conceitos literários, dando um ar mais fresco à ideia de Literatura Comparada utilizada no trabalho.

A voz do viajante é um fator muito importante na narrativa de literatura de viagem, seria muito ingênuo imaginar que esta voz é de alguma forma, imparcial. A descrição do “outro” é um dos princípios da literatura de viagem e uma análise mais pós-colonial demonstra como essa reprodução do “outro” é na verdade uma produção inversa daquilo que o “eu”, é (Campbell, 2002). O artigo tem a pretensão de alocar Erico na tipologia do viajante “*Ambassador*” através da obra *México* (1967), assim como aproximar essa tipologia da descrição de escritor/diplomata.

A vida dupla de Érico Veríssimo

Ao que parece, o senso comum é capaz de realizar uma ligação imediata entre Literatura e Cultura, esse mesmo tipo de laço é feito entre Relações Internacionais e Cultura. Todavia, na retirada do termo “cultura” a comparação entre Relações Internacionais (que emane de embaixadores, diplomatas, internacionalistas no geral) e Literatura não parece ser produzida uma relação instantânea de lógica.

Porém a história, pelo menos a história brasileira, demonstra que a combinação de Relações Internacionais e Literatura não consiste em uma novidade. Não é de hoje que os intelectuais letrados rumam para as relações internacionais ou para as RI⁴. Alguns exemplos marcantes do cenário brasileiro são: Gonçalves de Magalhães; Joaquim Nabuco; Aluísio de Azevedo; Guimarães Rosa; Vinícius de Moraes, e outros tantos. A verdade é que o Itamaraty (instituto brasileiro responsável pelas Relações Exteriores do país) era uma das poucas opções que valorizava os intelectuais letrados, era um meio de promover a intelectualidade. De acordo com Peixoto (2010):

De todos modos, la escritura es una actividad que a menudo ejercen los profesionales de Itamaraty, como observa Oliveira Lima (1937: 186): “El talento

⁴ Para fins de delimitação: quando utilizado Relações Internacionais ou RI se trata da disciplina que atende por este nome; quando for utilizado relações internacionais (sem grifo de maiúsculas), trata-se da ideia geral de relações internacionais (sejam elas culturais, políticas, etc.).

de escritor puede hacer realizar una figura diplomática”. Pero al margen de las diferencias tal vez sea posible localizar ciertos rasgos preponderantes en esa producción. Las prácticas rutinarias de la diplomacia acaban definiendo algunas modalidades preferenciales de expresión y dan origen a obras realizadas al compás de la actividad profesional; así, los diplomáticos-escritores sacan provecho de los periplos constantes, del acceso a nuevas realidades y de una mirada sobre el país construida a la distancia (Peixoto, 2010, 99).

Diferente de escritores como Oliveira Lima, e Raul Bopp, Erico Verissimo não tinha cargo algum no Instituto Rio Branco, não tinha ligação alguma com cargos de política internacional, então a entrada deste autor na ideia de RI e Literatura se deu de uma forma *sui generis* (Peixoto, 2010).

De acordo com a tipologia definida por Sherman (2002), existe uma categoria de viajantes (escritores) intitulada “*Ambassadors*”:

[...] Paul Rychaul would claim that no community was in a better position to report on foreign lands than ambassadors: their longer residence and closer contact meant they were able ‘to penetrate farther into the Mysteries... than hasty Travellers could do, who are forced to content themselves with a superficial knowledge’ (Sherman, 2002, 27).

Ao tipificar as categorias de viajantes/escritores Sherman atribuiu algumas funções a cada categoria. Estas funções acabam delineando o tipo de produção que cada categoria produz e também designa quais autores são passíveis de representar cada estilo de viajante. Por exemplo, a categoria de piratas tendia a apresentar narrativas fantasiosas com seres míticos e aventuras homéricas, e costuma incluir viajantes bastante excêntricos; a categoria de *Captives and Castway* (prisioneiros) tem em regra geral, um viajante aprisionado, mantido em cativeiro, ou isolado, e a produção narrativa é geralmente bem específica e trabalha com uma visão exógena mas de “dentro para fora” do local descrito.

Este trabalho pretende incluir Erico Verissimo na categoria de *Ambassadors* e para isso foram selecionadas as principais características da categoria, que são: 1) *Ambassador*: um viajante que faça parte do meio internacionalista; 2) Longa residência: uma das principais características deste nicho é o fato de os viajantes manterem uma residência mais longa no ambiente analisado, diferente de outros tipos de viajante, estes permanecem mais tempo em contato com determinada cultura. 3) Penetração na cultura: não só pelo fato da longa residência, mas também pelo fato dos embaixadores, diplomatas, e internacionalistas no geral, possuírem uma formação mais diversa, lhes é permitida uma maior penetração na cultura exógena. 4) Relatos Etnográficos: a etnografia é um elemento central em várias categorias de relatos de viajantes, mas nesta em específico ela é

essencial. O que torna os relatos desta categoria tão completos é, em parte, o formato etnográfico.

O título que dei a este capítulo é injusto! Erico Verissimo teve várias facetas, a vida do escritor não era dupla, mas sim multifacetada. Erico atuou como jornalista (ou colaborador de jornais), como radialista, como palestrante, editor, dentre outras funções (Hohlfeldt; Strelow, 2004). Mas para este estudo em específico a faceta que interessa é a de escritor/viajante. Veja-se, nas linhas que seguem, uma proposta de alocar o autor na categoria *Ambassadors*:

1) *Ambassador*: Erico não fazia parte do Itamaraty e tão pouco tinha algum cargo vinculado ao internacional (como campo de estudo), porém o convite da *Division of Cultural Relations* deu ao autor o status de embaixador cultural nos Estados Unidos, e parte dessa vivência começou a demonstrar seus resultados na obra do autor, que em certo período passa a ser escritor-viajante (como nas obras: *Gato Preto em Campo de Neve* – 1957; *México* – 1957; *Israel em Abril* – 1969); *A Literatura de Viagem* é um dos gêneros mais capazes de utilizar a literatura como arma político/social, não só pelo seu estilo, mas por seus escritores, bem como disse Graciliano Ramos em *Viagem*: “A arma do escritor é o Lápis” (Ramos, 2007 [1954]).

2) Longa residência: nem todas as obras de Erico são literatura de viagem, a análise deste artigo trata especificamente de México. O livro foi escrito de 1953 a 1956, neste período Erico exercia o cargo de “diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, na Secretaria da Organização dos Estados Americanos”. Embora o autor não tenha residido no México enquanto escrevia o livro, ele, acompanhado de sua esposa, fez um percurso percorrendo várias cidades do país e levou consigo um diário de viagem no qual manteve constantes relatos e anotações, que mais tarde deram origem ao livro (Ananias, Denise. 2006).

3) Penetração na cultura: a obra de Erico é conhecida pelo seu poder discricionário. A cidade em guerra, por exemplo, descrita em *O Prisioneiro* (1967) traz uma escrita repleta de detalhes que convida à análise pela imagologia. Esta escrita que relata com precisão esse aspectos imagéticos é também presente em México. Devido a essa dedicação, tão característica deste escritor, é possível crer no seu comprometimento em mergulhar na cultura mexicana. Em “México: Literatura de Viagem e autobiografismo”, Maria Luíza Ritzel Remédios tece uma análise das viagens de Verissimo, a autora acredita que os comentários e relatos retratados por Erico são mais do que comentários para leitura posterior, são reflexões religiosas, pensamentos a respeito de estruturas políticas, estéticas, morais, e afins, muito elaborados (Remédios, 1996). Isso tem relação com os diversos conhecimentos que Verissimo adquiriu e que permitem essa escrita tão versátil e tão verossímil mesmo em áreas que possam parecer fora da alçada do autor.

Erico traz no texto diversos diálogos da interação que teve com os nativos, e utiliza também os diálogos com sua esposa para trazer ao leitor aspectos da cultura mexicana, como, por exemplo, no trecho:

Há quem sustente a idéia de que os índios desta parte do mundo são autóctones. Aqui temos a ciência a confirmar a minha intuição poética – digo à companheira de viagem. Segundo o índio convertido Ixtlilxochtl, que escreveu sua “História” depois da Conquista, a cosmogonia dos astecas reconhece a existência de quatro Épocas ou Sóis, após a criação do mundo. [...]

– Em que época estamos agora? – pergunta minha mulher.

– No quarto período: “Sol do Fogo”, que acabará com o incêndio do mundo.

A companheira olha para fora e murmura:

– Não te duvido.

E saímos alucinados na direção do *Juventino Rosas*, em busca de bebidas geladas. (Verissimo, 1957, 20).

O autor busca ver além dos clichês turísticos, no subtítulo “O Outro México”, Erico busca evidenciar particularidades de partes do México que não são tão visitadas, inclusive utilizando palavras regionais:

Tenho a impressão de que Yucatán está para o México assim como Texas para os Estados Unidos: uma província à parte, povoada por gente de temperamento especial e psicologicamente separatista. No caso de Yucatán, porém, o isolamento não é apenas psicológico, mas também geográfico. Como paisagem, esse estado meridional mexicano se parece mais com a Guatemala, país com o qual partilha sua vigorosa tradição maia.

Mas continuo a afirmar – até que alguém me convença do contrário – que a zona mais expressiva do México é a do planalto central, não só porque aí se concentra a maioria da população do país, como também porque o que essa gente é, faz, pensa, sente e diz me parece representar melhor o caráter mexicano.

Ermilo, querido *cuate*⁵, perdoe-me por eu não ter visitado seu Yucatán (Verissimo, 1957, 253).

As descrições de Erico em México vão das mais profundas e analíticas às mais banais e cotidianas, como no trecho:

Noutra ocasião, referindo-me à confusão do tráfego local, às voltas vertiginosas ao redor dessas *glorietas*, digo ao chofer do carro em que viajo:

– Para dirigir automóvel no México é preciso ter bons nervos.

Sem voltar a cabeça, o homem acrescenta:

– *Y character, señor* (Verissimo, 1957, 53).

⁵ Corresponde ao francês *copain* e ao inglês *pal* (Verissimo, 1957, 252).

De acordo com uma estudiosa de Erico Verissimo: “do ponto de vista estritamente literário, lidar com o espaço não é ocupar-se com a representação veraz do mundo...” (Bordini, 2012), porém, embora o autor não se prive de seus devaneios fantasiosos durante o ato de escrever, até com uma leitura apressada, é possível perceber que Erico se entrega à cultura mexicana ao escrever México.

4) Relatos Etnográficos: México é composto de um total de 12 capítulos e cada um desses capítulos contém subtítulos que auxiliam na separação de ideias da narrativa. Durante todo o texto, Erico faz menções aos mais diversos aspectos do México, inclusive aos artistas:

Se perguntarmos a dez brasileiros qual é a primeira palavra que lhes vem à mente quando lêem o nome México, é possível que oito digam – revolução. No entanto sempre associei ao nome deste país a palavra mural, que de imediato me projeta na mente os vultos de Orozco, Rivera e Siqueiros.

Não creio que haja no mundo outro país que se possa gabar de possuir um grupo de muralistas desse porte. Tudo quanto o México tem de plástico, telúrico, trágico, grotesco, horrendo, absurdo e assustadoramente belo está, dum modo ou de outro, contido nas centenas de murais não só desses três pintores como de muitos outros, em afrescos que decoram as paredes de centenas de edifícios públicos do país (Verissimo, 1957, 215).

Os aspectos referentes à escrita etnográfica estão presentes no texto em uma totalidade, porém é possível dizer que o décimo primeiro capítulo, intitulado de “O Mexicano” tenha uma incidência muito ampla da escrita etnográfica, com subtítulos como “A Terra”, “O Povo”, e “Aspectos da Vida e do Caráter Mexicanos”. Erico descreve os aspectos etnográficos do povo mexicano de forma literária:

GRUPOS RACIAIS. – O México é uma nação em que predomina o sangue índio. Cerca de 30% de seus habitantes são racial e culturalmente índios. A menor parte da população – uns 10% – é formada por brancos (sempre escrevo essa palavra com dúvidas e ressalvas) *criollos*, isto é, de filhos de pais e mães espanhóis mas nascidos no México, e de um bom número de pessoas oriundas de vários países europeus e dos Estados Unidos. Os 60% restantes são mestiços. [...]

O MESTIÇO. – “Engendrado com a violência e sem alegria, com dor vem o mestiço ao mundo”. A frase, que me parece expressiva, é de Fernando Benitez. O mestiço, como a própria nação mexicana, é um produto da violência e da cupidez do espanhol (Verissimo, 1957, 256-257).

Este décimo primeiro capítulo, além de ser um dos que mais tem subtítulos é também um dos que mais tem tópicos sobre os mais diversos aspectos etnográficos:

LÍNGUA. – Se o espanhol que se fala nas Caraíbas tem a doçura e a consistência do melado, o que se fala no México é igualmente fluído e doce, embora muito mais claro. É um castelhano com mel e uma pitadinha de *chile*. Quem quer que tenha ouvido Cantinflas terá uma idéia da fala do mexicano do povo, com sua entonação musical, sua abundância de diminutivos, a sua qualidade pirotécnica, e a ênfase em certas vogais longuíssimas. [...]

A idéia, aventada por alguns, de que o espanhol falado no México se parece com o andaluz não encontra muitos adeptos. O que mais me encanta na língua mexicana são os diminutivos, a coisa que o forasteiro menos espera encontrar em boca duma gente com tanta capacidade para violência e tão pouca inclinação para ternura. Muitas vezes parei na rua para escutar furtivamente diálogos de gente do povo.

Vamos agora imaginar uma rápida conversa entre dois *pelados* numa *pulquería* chamada *La Compañerita*.

– *Quieres un poco de tequila, amiguito?*

– *Sí.*

– *Cuanto?*

– *Un naditita.*

– *Un tantito así?*

– *Esó! Gracias, hermanito.*

– *Quando vuelves a tu casa?*

– *Lueguito. Y tú?*

– *Nohecita no más* (Verissimo, 1957, 259 - 260).

Erico utiliza inclusive imagens para descrever gestos mexicanos:

GESTOS. – Tenho um interesse especial pelos gestos folclóricos. No México observei alguns que não encontrei em nenhum outro dos países que até agora tenho visitado.

Devo esclarecer que o mexicano em geral é uma pessoa que gesticula pouco; quanto ao índio puro, este às vezes não parece mais rico em gestos que uma estátua. [...]

No seu saboroso livro *Cornucopia de México*, José Moreno Villa faz referência às três maneiras com que o mexicano indica a altura de pessoas, animais e coisas (na ordem da imagem que segue)⁶ (Verissimo, 1957, 262).

⁶ Escrita e Grifo meus.



Imagem 1. Gestos de tamanho – México (Verissimo, 1957, 262 – 263).

Os aspectos naturalistas do século XVIII acabaram por influenciar aquilo que seria a etnografia do século seguinte, isso vinha como um acordo científico contra o senso comum (Rubiés, 2002). Junto com o movimento naturalista surgiu uma necessidade cada vez mais forte de desenhar, pintar, e retratar as viagens. Em México, Erico presentearia os leitores com seus traços amadores, porém muito charmosos, das paisagens que o México lhe ofereceu:

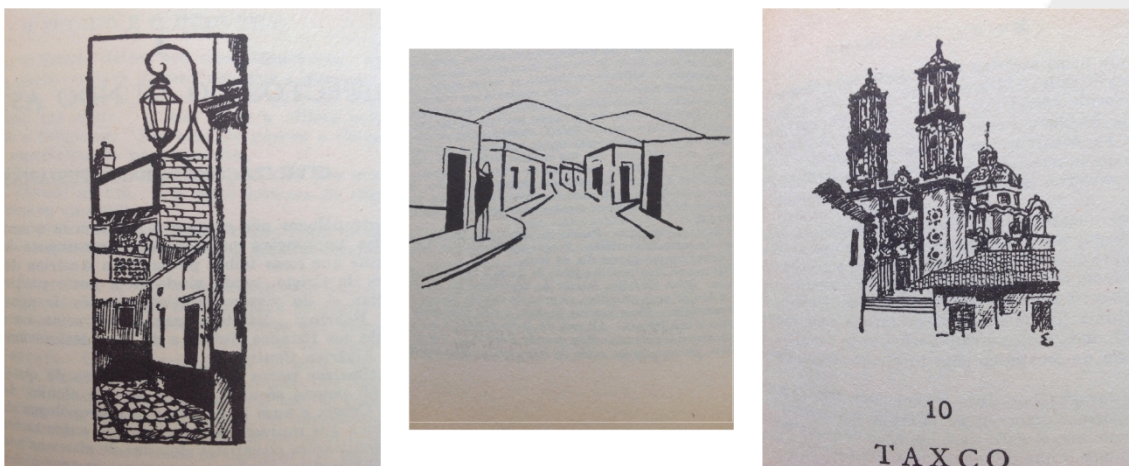


Imagem 2. Desenhos diversos – México (Verissimo, 1957, 77, 240, 241).

A terminologia escritor/diplomata utilizada por Fernanda Peixoto no texto *Letras y diplomacia en el Brasil: una aproximación en tres tiempos* (2010) conversa bastante com a ideia de categoria “Ambassadors” de Sherman (2002). De acordo com a autora, o Almanaque do Pessoal do Ministério de Relações Exteriores brasileiro de 1916 a 1935, permite apreciar o Itamaraty como um polo de atração dos intelectuais brasileiros (Peixoto, 2010). Peixoto seleciona escritores que vivenciaram a vida diplomática e através dessas vivências geraram produções literárias do gênero literatura de viagem, descrevendo assim os costumes, hábitos, geografias, histórias (fatores etnográficos) de outros povos, ela afirma:

Ahora bien, es posible que entre todos ellos la literatura de viajes sea uno de los géneros más profusamente practicados. Los sucesivos países visitados constituyen escenarios descritos por medio de impresiones subjetivas, experiencias y contactos. Registros de tierras y gentes, casos y pequeñas historias,

política y economía se combinan en los libros de viajes escritos por un significativo número de diplomáticos: Aluízio Azevedo, Oliveira Lima, Ribeiro Couto, Osório Dutra (1889-1868), Luiz Guimarães Filho (1828-1940), Raul Bopp (1898-1968), etc. (Peixoto, 2010, 100).

Não existe a necessidade de mencionar exemplos que façam Erico Verissimo passível de ser lido como um escritor/diplomata porque Peixoto utiliza o autor como um dos exemplos que guia o artigo já mencionado. Contudo, vale salientar que não foram apenas as obras de Literatura de Viagem que sofreram influência do período internacionalista de Erico Verissimo, as novelas *O Prisioneiro* (1967) e *O Senhor Embaixador* (1965) foram certamente influenciadas pelas raízes que o escritor manteve nas Relações Internacionais:

Es necesario destacar, también, que el mundo diplomático que experimenta ese no-diplomático se convierte en materia literaria en la novela *O Senhor Embaixador* (1965). Erico Verissimo presenta allí un relato sombrío e irónico de la vida diplomática – esbozando en sus rasgos mundanos y empobrecidos – y de las repúblicas latinoamericanas, cuyas dictaduras (de izquierda y de derecha) condena en ese libro de cuño didáctico y de fuerte acento político y moral (Peixoto, 2010, 114).

Como é possível perceber, com base nas reflexões propostas neste artigo, a nomenclatura de escritor/diplomata (Peixoto, 2010), dialoga com a categoria de “*Ambassadors*” (Sherman, 2002). Embora Fernanda Peixoto posicione Erico ao lado de Raul Bopp e Oliveira Lima (diplomatas de carreira do Itamaraty), como escritor/diplomata, a autora chama Erico de “não-diplomata”, a fim de categorizar o tipo de viajante de Erico Verissimo categorizo o autor como escritor/embaixador, alinhando assim suas produções com a categoria pontuada em *The Cambridge Companion to Travel Writing*.

Conclusiones

Como funcionário da União Pan-Americana (UPA), Erico teve a oportunidade de realizar trajeto em diversos países da América Latina – Venezuela, México, Panamá, Porto Rico, Peru, Equador –, e através desse emprego teve a oportunidade de conhecer muitos políticos, diplomatas, embaixadores, adidos culturais e afins. Nas viagens proporcionadas pelo serviço, Verissimo organizava seu tempo para atender a congressos, simpósios, reuniões diplomáticas e os mais variados assuntos ligados à Organização dos Estados Americanos. Embora o modelo organizacional do “burgo encantador” norte-americano impressionasse o autor, Erico revela no prólogo de México que está

cansado da vida em Washington, é então que ele decide matar as saudades da latinidade passando as férias no país vizinho. É essa viagem ao México que dá origem a obra de 1957 (Baggio, 2006).

O variado corpo das obras que se enquadram no gênero de Literatura de Viagem acaba gerando, muitas vezes, algumas subdivisões dentro do próprio gênero. Este artigo tratou de analisar mais uma dessas subdivisões. Categorizar Erico Verissimo como um escritor/embaixador não é reduzir sua obra, mas sim possibilitar uma identificação de um nicho passível de análises de outros autores.

Contudo, devo frisar que embora esse artigo tenha mencionado basicamente embaixadores e diplomatas, existe uma gama de possíveis ofícios desempenhados por internacionalistas (ou pessoas que estudam ou trabalham com o “internacional”) que podem vir a gerar produções de Literatura de Viagem de formatos similares. Relatos de trabalhadores das Nações Unidas, por exemplo, seriam (provavelmente) enquadráveis nessa categoria.

Existe uma lacuna na América Latina que faz com que pareça que o gênero de Literatura de Viagem não se desenvolveu na região (Guzmán, 2013). O objetivo secundário desse artigo é o de instigar, academicamente, o estudo da Literatura de Viagem latino-americana, seja ela em língua castelhana, em português, emportunhol, línguas crioulas ou línguas indígenas. O objetivo principal era o de alocar, através de análise literária, de escritor/embaixador a Erico Verissimo. Friso nesta conclusão que, ao meu ver, a terminologia de escritor/diplomata de Fernanda Peixoto e a categoria de “*Ambassadors*” de Sherman são muito similares (possivelmente a mesma). Contudo não tive acesso à tipografia em português brasileiro para um tipo de viajante como Erico Verissimo e por isso o nomeio de escritor/embaixador.

Bibliografía

- ANANIAS, Denise. *Literatura de Viagem: Trajetórias e percursos – análises em A Volta do Gato Preto e México de Erico Verissimo*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- BAGGIO, Kátia. “Magia e Paixão: O México sob o olhar de Erico Verissimo”. *Proj. História*, São Paulo (32), 2006. (pp. 79-95).
- BETHELL, Leslie. “O Brasil e a ideia de ‘América Latina’ em perspectiva histórica”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 44, 2009. (pp. 289-321).
- BORDINI, Maria da Glória. *A Poética da Cidade em Erico Verissimo*. Edições Makunaima, Rio de Janeiro, 2012.
- CAMPBELL, Mary. *Travel Writing and it's theory*. In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim. *The Cambridge Companion to Travel Writing*. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

- GUZMÁN, Federico. *Los relatos de viaje en la literatura hispanoamericana: Cronología y desarrollo de un género en los siglos XIX y XX*. Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 2013.
- HULME, Peter – YOUNGS, Tim. *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge University Press, 2002.
- PEIXOTO, Fernanda. “Letras y diplomacia en Brasil: una aproximación en tres tempos”. In: Carlos ALTAMIRANO. (Org.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. 1 ed. Buenos Aires: Katz, 2010, v. 2. (pp. 99-118).
- RAMOS, Graciliano. *Viagem*. Editora Record, Rio de Janeiro, 2007 [1954].
- REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. “México: Literatura de Viagem e autobiografismo”. *Caderno do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Porto Alegre, vol. 2, n. 3, Porto Alegre, 1996. (pp. 33-38).
- RUBIÉS, Joan Paul. “Travel Writing and ethnography”. In: HULME, Peter – YOUNGS, Tim. *The Cambridge Companion to Travel Writing*. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- SHERMAN, William. “Stirrings and searchings (1500 – 1720)”. In: HULME, Peter – YOUNGS, Tim. *The Cambridge Companion to Travel Writing*. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- SMITH, Richard. “Erico Verissimo, um embaixador cultural nos Estados Unidos”. *Revista Tempo*, vol. 19, n. 34, 2013. (pp. 147-173).
- VERISSIMO, Erico. *Gato Preto em Campo de Neve*. Porto Alegre: Globo, 1957.
- VERISSIMO, Erico. *México*. Porto Alegre: Globo, 1957.
- VERISSIMO, Erico. *O Senhor Embaixador*. Porto Alegre: Globo, 1965.
- VERISSIMO, Erico. *O Prisioneiro*. Porto Alegre: Globo, 1967.

Nícollas Cayann é bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Pelotas, e atualmente mestrando em Literatura Comparada na Universidade Federal da Integração Latino-americana.

Contacto: nicollascayann@gmail.com

Recibido: 02/05/2017

Aceito: 07/02/2018